



# Senhora DO CAOS

Há 100 anos, gripe espanhola assolava o mundo, matando 30 milhões de pessoas, 35 mil somente no Brasil

Rodrigo de Oliveira Andrade

Um sopro virulento vindo da África e da Europa se abateu sobre o Rio de Janeiro em agosto de 1918. De diagnóstico incerto e sintomas variados, o estranho mal tomou de súbito os cariocas, espalhando-se rapidamente para outras regiões do Brasil. Logo se converteu em uma calamidade de proporções inimagináveis. Estima-se que a gripe espanhola, como ficou conhecida, tenha matado 35 mil pessoas no Brasil, entre elas o presidente eleito Rodrigues Alves (1848-1919). No mundo, a moléstia dizimou aproximadamente 30 milhões de pessoas — quase quatro vezes mais que os mortos durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), estimados em 8 milhões.

Um século após a maior pandemia de gripe já conhecida, não se sabe ao certo como tudo começou. Alguns historiadores argumentam que o vírus surgiu na América do Norte e foi levado para a Europa com as tropas que lutaram na guerra. Outros sustentam que o agente infeccioso apareceu na China, em 1917, seguiu para os Estados Unidos e, de lá, foi para a África e Europa, espalhando-se pelo resto do mundo. No Brasil, as primeiras notícias sobre o estranho mal que atingia o mundo começaram a aparecer nos jornais em agosto

Em fins de 1918, o Colégio Arquidiocesano (à esq.) e o Club Athletico Paulistano, ambos em São Paulo, foram convertidos em hospitais provisórios



2

de 1918, sem, no entanto, despertar a atenção das autoridades públicas.

Vários países censuraram as notícias sobre a epidemia, já que a gripe tinha afetado seus exércitos. Isso fez com que a moléstia fosse conhecida em um primeiro momento como “febre das trincheiras”. Devido à sua posição de neutralidade durante a guerra, a Espanha foi o único país cuja imprensa não fez segredo sobre os estragos causados pela chamada “fiebre de los três días”, a qual passou a ser conhecida mundialmente como gripe espanhola.

Os primeiros relatos sobre a doença foram ignorados no Brasil ou tratados com descaso ou em tom pilhérico, conforme verificou a historiadora Adriana da Costa Goulart, em artigo publicado em abril de 2005 na revista *História, Ciência, Saúde — Manguinhos* sobre os impactos políticos e sociais da epidemia de gripe espanhola no Rio, então capital federal.

A situação começou a mudar com os rumores de contaminação dos tripulantes de dois grupos brasileiros auxiliares dos aliados na Primeira Guerra Mundial: a Esquadra de Patrulha, comandada pelo almirante Pedro Max de Frontin (1867-1939), e a Missão Médica, chefiada por Nabuco de Gouveia (1872-1940), infectados na Europa e na África, respectivamente. A repercussão das notícias sobre a gripe ganhou ainda mais destaque no país quando os tripulantes de outra missão médica a

caminho do Senegal, a bordo do navio La Plata, adoeceram um a um do misterioso mal.

Os relatos sugerem que médicos, soldados e oficiais do La Plata se contaminaram em Freetown, em Serra Leoa, em 29 de agosto de 1918. Em 9 de setembro os primeiros corpos foram jogados ao mar. Pouco depois chegaram ao Rio de Janeiro telegramas contando as desgraças da missão. À época, no entanto, é provável que o vírus já circulasse entre os brasileiros, que ainda não haviam percebido a dimensão que a epidemia viria a ter no país.

Presos recrutados para trabalhar como coveiros e no transporte de cadáveres



3





apressou-se em afirmar que estava apto a socorrer os adoentados e a precaver a sociedade da infecção pela moléstia”, diz Bertolli Filho. “No entanto, como no Rio, a gripe logo expôs a inoperância da política de saúde de São Paulo e a ignorância do saber médico sobre a terapêutica e a forma de transmissão.”

Pouco mais de 12 mil pessoas morreram no estado de São Paulo durante os dois meses em que a epidemia permaneceu ativa no Brasil. Segundo os relatos da época, carroças passavam pelas ruas do centro da cidade recolhendo cadáveres nas casas e ruas, onde os corpos permaneciam à espera de sepultamento. As igrejas interromperam seus rituais, enquanto nos cemitérios se abriam valas comuns para enterrar, sem caixões, os corpos amortalhados em lençóis. À época, clubes de lazer, colégios e igrejas se transformaram em hospitais provisórios para atender os enfermos, como é o caso do Club Athletico Paulistano, que ficou fechado por conta da epidemia entre novembro e dezembro de 1918. Em seu salão de festas foi montado um hospital temporário.



Alojamento em campo de treinamento do Exército dos Estados Unidos no estado do Kansas tomado por vítimas da influenza

A situação instaurada pela espanhola foi encarada como fruto de negligência, descaso e incompetência administrativa do governo, que não sabia lidar com as ameaças que intimidavam o país, argumenta Adriana Goulart. “A morosidade em estabelecer medidas profiláticas e as limitações estruturais que afetavam as instâncias de saúde durante o combate à epidemia de gripe despertaram a ira popular sobre diversos personagens do governo, sobretudo o presidente Wenceslau Braz (1868-1966) e o então diretor da Saúde Pública, Carlos Seidl (1867-1929)”, escreveu.

Seidl foi classificado pelos jornais da época como um “cretino, relapso e sedicioso”, que apenas contava o tempo para sua aposentadoria, e cuja “inveterada inércia e dogmatismo de velho burocrata possibilitaram que a epidemia fosse recebida festivamente pela Saúde Pública”, deixando a população entregue à própria sorte. A proporção alcançada por essas críticas fez com que a moléstia passasse a ser conhecida no Rio como “mal de Seidl!”.

Ele foi demitido em outubro de 1918 e substituído pelo médico Theóphilo de Almeida Torres (1863-1928), que nomeou o médico Carlos Chagas (1879-1934) para encabeçar os serviços de combate à influenza espanhola. Diante do fracasso em descobrir o agente causador da gripe, Chagas fez o possível na emergência: dotou a cidade de maior número de leitos para os desamparados, estabeleceu regimes de quarentenas e isolamento para os navios que aportavam no país e notificações compulsórias de casos da doença.

Assim como veio, a gripe espanhola foi embora. Seu ciclo epidêmico se esgotou nos primeiros meses de 1919. Se por um lado a moléstia provocou milhões de mortes e insatisfação com as elites governantes, por outro desencadeou uma revalorização do conhecimento sanitário. O vírus da influenza só foi isolado em 1933. Em 1944 pesquisadores da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, desenvolveram a primeira vacina contra gripe. ■



Caixões empilhados em cemitério do Rio à espera da abertura de novas covas